

COLUNA ESCREVIVÊNCIAS TRANS

Na chuva tem gato que prefere se molhar: o transfundamentalismo como fator de autoexclusão

Jojo Campos



Nessa época do verão, alguns dias foram tão chuvosos que mal foi possível estender uma peça de roupa no varal. As chuvas não cancelaram nenhuma agenda de horário comercial. De um lado para outro, as pessoas (sozinhas ou acompanhadas) caminham com suas capas, seus guarda-chuvas, aceleram os passos e buscam o abrigo mais próximo. Talvez não seja tão ruim a ponto de interromper o trajeto, mas nunca se sabe. Há quem queira continuar andando, sem nada para se cobrir.

— Ela gosta de tomar banho de chuva? — perguntou Cris, trans não-binária, negra, 19 anos.

— Por que ela não quis ficar embaixo do guarda-chuva? Tem bastante espaço aqui. — Ariel, trans gênero-fluído, negra, 24 anos, parecia não entender o porquê disso.

— Moça! — Sol, mulher trans barbuda, negra, 20 anos, a chamou.

— Ela prefere se molhar! — disse Nicky, trans agênera, negra, 16 anos.

Sim, Nicky tem razão. Ela prefere se molhar. Para ela, é melhor tomar banho de chuva, borrar toda a maquiagem, sentir o creme dos cabelos caindo nos olhos e estragar parte do seu material de estudo guardado na bolsa do que se abrigar no guarda-chuva. Há letras, corpos e visibilidades para fora dos seus “valores”. Dividir o mesmo guarda-chuva com essas pessoas significaria se

“invisibilizar” enquanto mulher trans. O motivo? O guarda-chuva só pode cobrir dois: homens e mulheres trans, desde que estejam “esteticamente adequados” ao seu gênero (leia-se, estereótipos). Qualquer termo, palavra ou identidade fora desse grupo não é “trans de verdade”. Óbvio que o seu patético círculo de amizades também está de acordo com isso. Afinal, uma costuma citar a outra na hora de postar merda na internet.

O transfundamentalismo¹, fonte de inspiração para as nossas queridas radtrans² (ou truscuns), tem servido muito bem o banquete de hostilidades e constrangimentos, dentro da comunidade trans, contra pessoas trans não-binárias, com uma série de acusações levianas de “promoção da invisibilidade”, “roubo de protagonismo” e “prejuízos à luta das pessoas trans”. É possível encontrar quem queira reivindicar para si e seus pares selecionados as dores causadas pela transfobia, mesmo quando todo o guarda-chuva se encontra, na maioria das vezes, em situação de vulnerabilidade social. E o pior, elas rejeitam a tese de que são transfóbicas porque são “trans de verdade”.

A ditadura da binaridade de gênero no mundo trans promove o caos quando sugere a negação à identidade de gênero para quem não é considerada “trans o suficiente”, o que não implica o peso apenas em pessoas trans não-binárias, mas em homens e mulheres trans durante a transição e em travestis, especialmente pretas, pobres e da periferia, não siliconadas e não operadas. Sendo assim, se uma mulher trans tiver um fiapo de pelo descuidado na barba ou qualquer volume não muito bem esticado com fita isolante, ela não é “mulher o bastante” para entrar no banheiro feminino e dividir uma pia de banheiro com as demais, para ser revistada por uma segurança mulher na entrada de uma festa ou mesmo para se inscrever em programas do Ambulatório Trans (como se as políticas públicas para a saúde de pessoas trans exigissem tudo isso de uma paciente para prestar um atendimento). Isso seria “ocupar o espaço que não é delas”, pois algumas radtrans tiveram a “consciência” de esperar ter uma aparência de “mulher de verdade” para poder se sentirem dignas disso. E acham que, por viverem tanto tempo em liberdade condicional com seus próprios corpos, podem impor o mesmo a todas as demais.

Outro ponto que vale destacar é a desautorização lançada contra coletivos e grupos construídos por pessoas trans em espaços historicamente pouco ocupados por elas (como as escolas e as universidades). Afinal, há quem queira se mobilizar, mesmo que seja por fora dos muros da instituição, para questionar abertamente nas redes sociais o quão trans alguém é ou deixa de ser. Nesses casos, quando se trata de uma pessoa vítima de qualquer tipo de agressão ou

¹ Também conhecido como transmedicalismo, é a crença nos pré-requisitos da vivência da disforia de gênero para que uma pessoa possa ser considerada como parte da comunidade trans. Nesse caso, é necessário realizar hormonioterapia e (ou) cirurgia de redesignação sexual.

² Analogia com o movimento feminista radical trans excludente, formado por radfems.

violência em razão da sua identidade de gênero de fora dos padrões cisnormativos, temos as famosas juízas do tribunal virtual de validação trans para julgar quem de fato merece receber o apoio e o acolhimento do coletivo e se o que aconteceu foi ou não transfobia “de verdade”. Felizmente, esse público não encontra muito espaço dentro da comunidade trans. O que não quer dizer que não haja uma rede apoio para a disseminação do ódio. Para isso, elas contam com o apoio das tradicionais letras predominantes da sigla, em especial, de homens cis, gays, brancos e padrões com seus altos índices de visualizações, e de TERFs³ com seus textões sobre “machos de saia” roubando protagonismo e “lésbicas tímidas e enrustidas” (um show de transfobia contra homens trans), e de fora da sigla, como de homens e mulheres cis, héteros, brancos, conservadores, bolsominions e assumidamente transfóbicos, mas que estão ali, naquele momento específico, disseminando ódio contra pessoas trans não-binárias, travestis e bichas pretas não cis nas redes sociais, recebendo os likes e os compartilhamentos truscuns, com o reforço do uso de pronomes masculinos e o laudo de “gay afeminado” para elus.

É frustrante ver como “irmãs” de bandeira tratam suas semelhantes como antagonistas da causa trans, ajudando a alimentar e propagar ataques, constrangimentos, exposições, perseguições, desgastes, banimentos, assédios, racismo e transfobia. O número de mortes de pessoas trans (principalmente pretas) por assassinato e negligência continua aumentando, mas a prioridade para algumas tem sido a disputa pelo uso da pá do coqueiro. Esse, com certeza, é o maior investimento do CISTema: deixar que elas se matem, ao invés de matá-las de uma vez só. Isso gera economia de balas (e não são as de caramelo). Um velório a mais ou a menos, não faz a menor diferença para quem é de cima. Na tempestade ou na garoada, tem espaço para todo mundo. Ninguém precisa ficar do lado de fora. Porém, tem sido difícil convencer alguns gatos de que a chuva pode fazer mal aos seus pelos. Tem um ou outro espirrando no meio da rua.

— E ela continua se molhando... — disse Jojo, travesti, preta, 26 anos.

JOJO CAMPOS

Travesti, preta, educadora social, ponto focal brasileira e mentora da Escuela de Liderazgo Juvenil Afrodescendiente en América Latina y el Caribe, escritora, colunista e conselheira editorial da Revista África e Africanidades. É discente de Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão.

³ Feministas radicais trans excludentes